



Laboratórios Didáticos da Faculdade de Educação da USP (LabEduc)

Laboratório de Ciências Humanas e Meios de Condução de Trabalhos Práticos e Similares (LabCH)

Cinema e o Ensino de História

Coordenação: Profa. Dra. Dislane Zerbinatti Moraes

Autoria: Jaqueline Oliveira dos Santos

Metropolis, Fritz Lang, 1927ⁱ

As primeiras imagens que vemos assim que o filme começa já nos indicam algumas características e temáticas fortes ali presentes: edifícios altos e imponentes, engrenagens em funcionamento, profusão de movimentos sugeridos, destacados. O relógio, esse símbolo da modernidade, marca o tempo na medida dos segundos indicando a troca de turno e a renovação dos esforços para manter a fábrica em funcionamento, a produção ativa. Fileiras e fileiras de funcionários cabisbaixos, aparentemente exaustos, se alternam nas portas de entrada e saída: pessoas uniformizadas, apresentadas no conjunto, uma massa que marcha no mesmo ritmo, na mesma toada, pelos corredores da fábrica de modo quase orgânico com aquele espaço.

A história se passa no ano de 2026 e o cenário é composto por altos prédios, ruas estreitas e escuras, aviões, automóveis, contrastes entre claro e escuro, sombras e certo ar claustrofóbico. Um cenário futurista, em linhas gerais, que permite pensar sobre quais projeções de futuro aparecem e costuram o enredo da história, projeções que se relacionam em graus diferentes com o seu presente e as experiências já vividas e ressignificadas. Um exemplo possível desse tipo de abordagem, que apresentamos como sugestão de reflexão, é o lugar dos homens e mulheres com relação à tecnologia, tema frequente no filme. De que modo se dão as interações entre pessoas e máquinas? Há hierarquias observáveis? A revolução industrial em linhas gerais já havia adentrado na sua segunda fase desde o século XIX, a Alemanha dos anos vinte do século passado desenvolvera uma força industrial significativa e as críticas aos modos como se davam as relações entre trabalhadores e industriais, máquinas e operários se faziam presentes. Nesse cenário há a interpretação

elaborada nos moldes da linguagem cinematográfica em *Metropolis* sobre um cenário futuro sombrio de dominação dos operários por patrões poderosos e controladores, e da aposta na esperança de um salvador que poderia transformar aquela situação.

Uma breve apresentação da obra e seu enredo

Metropolis, filme de Fritz Lang com roteiro de Thea von Harbou, é um clássico do expressionismo alemão e particularmente do gênero conhecido como ficção científica - obra referência para várias produções do gênero como, por exemplo, *Blade Runner*. É um dos últimos filmes produzidos antes do fim da supremacia da era muda no cinema, sua estreia ocorreu em 1927, uma superprodução para os padrões da época. O filme foi considerado um investimento de alto risco pelos estúdios envolvidos: seu orçamento de aproximadamente cinco milhões de marcos alemães e um número total de 36 mil figurantes ainda impressionam. Entre suas características, em diálogo com a estética expressionista da qual Lang é um dos maiores representantes no cinema, tem direção de arte e fotografia sofisticadas, bem como investimento nos contrastes entre luzes e sombras. O enredo apresenta suas temáticas centrais a partir dos conflitos particulares das personagens - e aqui caberia destacar as atuações dramáticas de seus atores, especialmente o casal protagonista da trama Brigitte Helm (como Maria) e Gustav Frohlich (Freder Fredersen).

Freder, filho de Joh Fredersen (Alfred Abel), o governador local, apaixona-se por Maria ao encontrá-la por acaso durante um passeio. Ele tenta encontrá-la no subterrâneo de Metropolis e ali vê o momento em que vários operários são arremessados após a explosão de máquinas numa cena grandiosa e bastante impactante por seus efeitos simbólicos. Desde então passa por uma transformação profunda no seu modo de ver o mundo: se antes parecia apenas um rapaz de vida tranquila e sem preocupações, a partir desse encontro e visão envolve-se com o cotidiano dos operários, tenta denunciar a seu pai a situação por eles vivida e se engaja aos ideais de mudanças propostos por Maria. Contudo, seu pai toma conhecimento do envolvimento com Maria e da rebelião dos operários e decide então procurar por Rotwang (Rudolf Klein-Rogge), um inventor. O pai de Freder pede a ele que crie um robô que substitua o trabalho humano e igualmente sirva de álibi naquele momento para a destruição do movimento dos trabalhadores - um robô que reproduza a aparência de Maria, líder dos operários. Será a partir desses conflitos iniciais que o enredo terá o seu desenvolvimento.

Há no filme passagens nas quais Lang e equipe destacam as longas jornadas de trabalho, a exaustão dos operários, as relações estabelecidas sugerem a compreensão de que esses operários eram tomados como peças de uma engrenagem, um mecanismo (os feridos em acidentes são automaticamente substituídos por outros nas mesmas funções). A substituição de homens por máquinas, os movimentos repetitivos e sem significado, o forte controle do relógio sobre a rotina das pessoas, enfim, o cotidiano da fábrica é o pano de fundo no qual se elabora o sentido do filme. A crítica a esse modelo de organização do trabalho e de relações humanas é bastante contundente, ainda que a condução da história e mesmo seu desfecho possa parecer de algum modo fora de compasso com esse ponto de vista mais combativo. Por fim, vemos prevalecer um caminho de compreensão que passa pelo debate sobre a ruptura entre as mãos, o cérebro e o coração: de modo metafórico, Lang apresentaria seu ponto de vista acerca da cisão existente nos humanos, em termos existenciais, e entre eles e a sociedade. Anos mais tarde o diretor concederia entrevista na qual afirmou que discordava do encaminhamento e desfecho dados a *Metropolis*.



Legenda: Estátua de Maria, personagem do filme, na cidade de Babelsberg, Alemanha.

Fonte da imagem:

<https://en.wikipedia.org/wiki/Metropolis_%281927_film%29#/media/File:Maria_from_metropolis.JPG> - Acesso em 25/03/2016

***Metropolis* e o ensino de História: algumas sugestões de temáticas e abordagens**

A história narrada por Lang permite pensar algumas questões interessantes para o ensino de História. Inicialmente, é importante atentar-se ao fato que o filme é um produto cultural e historicamente situado, logo, seu uso em sala de aula será mais potente quando sua historicidade é discutida e tomada como elemento de entendimento dos conteúdos que se pretende trabalhar a partir dele. A compreensão do filme como um documento histórico se relaciona às transformações vividas na ciência histórica e seus métodos, especialmente após a década de setenta do século passado. A obra fílmica, portanto, pode ser tomada como documento em dois sentidos: naquilo que nos aponta sobre a época e contexto nos quais foi produzido, e assim pode dar a ver em seu enredo, roteiro, escolhas de cenários e abordagens, elementos técnicos, dentre outros elementos; e também no que possibilita investigar e entender das representações em jogo sobre a época tratada em sua história, seu enredo. Para além desses aspectos, pode ser um disparador para pensarmos e discutirmos as permanências de aspectos estruturais, ou seus ecos, e modos de compreender a sociedade e seu funcionamento no tempo presente. Um exemplo é no que se refere às estruturas capitalistas contemporâneas e o que nos sugere observar naquilo que dialoga ou não com o apresentado no filme *Metropolis* ou nos textos e materiais de apoio que sejam mobilizados para discuti-lo.

Nesse sentido, alguns aspectos que aparecem na obra podem ser compreendidos como disparadores para conversas em sala de aula. Entre tais elementos, para além da discussão já citada sobre a tecnologia e as novas relações sociais que se elaboraram, sugerimos como temas interessantes a se explorar o modo como é tratado o sistema de produção em série, as críticas à linha de produção, as relações de trabalho, as desigualdades sociais. Para tanto, além do filme, outros materiais e estratégias podem ser mobilizados como, por exemplo, pesquisas na internet sobre a obra e seu contexto; textos estruturantes do livro didático de uso da turma; rodas de debate sobre algum aspecto que no ponto de vista docente possa suscitar interesse por parte dos alunos. Esses e outros exemplos podem ser explorados a critério do professor que avalia a turma, seu perfil e objetivos presentes. O trabalho com esses temas pode ganhar outro relevo e alcance se, somado a isso, ainda considerarmos quem são os criadores dessa obra, suas filiações e contexto.

Ecos da guerra

O diretor Fritz Lang, antes de se dedicar ao cinema, lutou na Primeira Guerra Mundial e ali viveu situações limite. Alguns críticos, como Inácio Araújo em texto presente no catálogo do Centro Cultural Banco do Brasil sobre o cineasta, aproximam essa vivência de Lang com o horror da guerra e sua violência às propostas de cinema desenvolvidas por ele ao longo da carreira: a tentativa de compreender homens e mulheres em suas contradições e questões de cunho existencial, a crítica social, as imagens e enredos sombrios.

É possível conferir essas e outras informações sobre Fritz Lang, e resenhas acerca do filme, no *box* “Para saber mais sobre *Metropolis*”, ao final do texto.

A contextualização histórica do filme é outro ponto importante do desenvolvimento de atividades com análise fílmica em sala de aula. No caso, a Alemanha da década de vinte do século passado vivia o contexto de reorganização dos arranjos de ordem política, econômica e social. A República de Weimar vigorava e a indústria alemã buscava meios de se reerguer no pós Primeira Grande Guerra e a derrota ali sofrida - e que representaria uma dívida a se pagar por conta dos tratados assinados. Durante essa década, o país e sua população viveram períodos de grande oscilação política e econômica: alta inflacionária e índices de desemprego alarmantes, avanço da indústria e um período relativamente estável politicamente e, após a quebra da bolsa de Nova York, nova incursão num cenário caótico, econômica e socialmente. Nesse contexto houve a ascensão de diversos grupos e correntes políticas, entre elas, os ultranacionalistas. Adolf Hitler, impressionado por *Metropolis*, convidaria Fritz Lang em 1933, por meio do seu ministro da propaganda, Joseph Goebbels, a colaborar com o Partido Nazista e produzir filmes. Contudo, Lang se recusou e algum tempo depois abandonaria a Alemanha rumo aos Estados Unidos, local onde produziria muitos filmes, especialmente aqueles ligados à sua fase *noir*. Sua esposa então, Thea von Harbou (roterista de *Metropolis*), permaneceu na Alemanha e aderiu ao nazismo.

Para saber mais sobre *Metropolis*:

- Ficha técnica, informações sobre atores, produtores e diretores, além de algumas curiosidades sobre o filme no IMDB (*Internet Movie Database Ltd.*), em inglês:

<http://www.imdb.com/title/tt0017136/> - Acesso em 15/08/2015

- No site nacional *Adoro Cinema* é possível acessar informações sobre a obra, ainda que em menor volume: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-240/> - Acesso em 15/08/2015.

- Uma das versões de *Metropolis* está disponível online no *Youtube*:

<https://www.youtube.com/watch?v=lph2QNdR4Hs> Acesso em 15/08/2015.

- Existem diferentes versões do filme: a versão original realizada por Lang tinha duração de mais de três horas e se perdeu por décadas. Hoje, há disponíveis versões com durações distintas, além da cópia de 210 minutos - essa última resultado do processo de restauração de um rolo do filme encontrado na Argentina em 2008. Para saber mais sobre a redescoberta desse clássico alemão e o seu processo de recuperação, sugerimos o texto publicado em 2011 no *Jornal do Brasil* com mais informações:

<http://www.jb.com.br/jb-premium/noticias/2011/03/15/metropolis-reloaded/> - Acesso em 15/08/2015

- Sobre o movimento expressionista alemão no cinema há textos disponíveis na internet que podem oferecer informações e alguns breves debates teóricos. Dentre eles destacamos aquele presente na revista de crítica e teoria de cinema *Contracampo*, por Alfredo Rubinato: <http://www.contracampo.com.br/01-10/expressionismoalemao.html> - Acesso em 15/08/2015

- E a seleção de textos proposta por Roberto Siqueira, autor do *blog Cinema em Debate* que

se dedica a resenhar filmes, sobre o expressionismo e algumas de suas relações com o contexto vivido na Alemanha e a produção dos artistas que se filiaram a essa vertente:
<http://cinemaedebate.com/a-setima-arte/expressionismo-alemao/> - Acesso em 15/08/2015

- O catálogo da mostra *O horror no cinema*, que apresentou um conjunto de filmes de Fritz Lang no Centro Cultural Banco do Brasil, está disponível para consulta e *download*. No material é possível acompanhar uma entrevista realizada com Lang acerca de sua obra, sinopses e resenhas de seus filmes, além de informações biográficas do diretor alemão. Confira em:

http://culturabancodobrasil.com.br/portal/wp-content/uploads/2014/08/fritzlang_catalogo_site.pdf - Acesso em 15/08/2015

ⁱ O presente trabalho teve por base texto publicado anteriormente por sua autora no site *Salada de Cinema*. Ele pode ser consultado no seguinte endereço: <http://saladadecinema.com.br/2014/02/19/cine-classicos-metropolis/> Acesso em 29/03/2016.